

Fausto Viana, Maria Eduarda Borges e Adriana Perrella Matos (orgs.)

**Dos bastidores eu vejo o mundo:  
cenografia, figurino, maquiagem  
e mais**

**Volume IX**  
**Edição Especial Teatros Pretos II**

ISBN 978-65-88640-91-3  
DOI 10.11606/9786588640913

São Paulo  
ECA - USP  
2023

  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

  
NÚCLEO DE PESQUISA  
TRAJE DE CENA  
INDUMENTÁRIA E TECNOLOGIA

Organização: Fausto Viana, Maria Eduarda Borges e Adriana Perrella Mattos  
Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges  
Capa: Maria Eduarda Borges  
Revisão: Márcia Moura  
Foto da Capa: A atriz Dirce Thomaz em «Eu e ela: visita à Carolina Maria de Jesus». Foto de Paulo Pereira.

**Catálogo na Publicação**  
**Serviço de Biblioteca e Documentação**  
**Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

D722            Dos bastidores eu vejo o mundo [recurso eletrônico] : cenografia, figurino, maquiagem e mais : volume IX : edição especial teatros pretos II / organização Fausto Viana ... [et al.] – São Paulo : ECA-USP, 2023.  
PDF (393 p.) : il. color.

ISBN 978-65-88640-91-3  
DOI 10.11606/9786588640913

1. Figurino. 2. Cenografia. 3. Teatro. 4. Cultura afro-brasileira. 5. Negros. I. Viana, Fausto.

CDD 21. ed. – 792.026

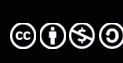
Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais - Volume IX - Edição Especial Teatros Pretos II. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Fausto Viana que teremos prazer em dar o devido crédito.

 [https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR)  
Todas as imagens das divisões deste trabalho são do British Museum e liberadas pela licença Creative Commons BY-NC-AS-4.0. Todas as imagens foram ajustadas para encaixarem no tamanho da página.

Universidade de São Paulo  
Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior  
Vice-reitor: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes  
Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli  
Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro  
Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443  
Cidade Universitária CEP-05508-020

# Apresentação

Fausto Viana

Em 2022 publicamos uma edição especial de *Dos bastidores eu vejo o mundo: Teatros pretos*, que editei com a Nairim Liz Bernardo e a Carla Costa.

Na ocasião, escrevi exatamente assim na apresentação:

Há espaço para mais artigos, mais discussões, mais buscas e mais revelações. Quem sabe em alguns anos não teremos uma nova edição de *Dos bastidores eu vejo o mundo*, edição especial de Teatros Pretos 2? É preto que sim, é muito preto que sim.

Não sei se a escrita teve tom de profecia, mas o fato é que no início de 2023 ministrei a disciplina de pós-graduação no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo *As artes cênicas como possível extensão do terreiro: os trajes do rito, da performance e da cena negra*. Os objetivos da disciplina eram:

- Estudar os trajes dos ritos das performances e da cena negra a partir de uma perspectiva histórica que analisa as vestimentas africanas nos períodos pré-colonial e colonial;
- Estudar os trajes portugueses dos séculos XVII ao XIX para efeito do entendimento da trajetória vestimentar no Brasil colonial e imperial;
- Investigar tecidos da diáspora no Brasil, Caribe e EUA;
- Comparar tecidos africanos pré-coloniais com os ditos tecidos “africanos” do período colonial africano;
- Analisar como as religiões afro-brasileiras se desdobram em atividades classificadas como folguedos populares, em performances e espetáculos teatrais negros e, acima de tudo, como os hábitos, trajes e

tecidos africanos e afro-brasileiros são elaborados nestas composições.

A justificativa para a aprovação da disciplina foi esta:

A diáspora negra envolve o Brasil de diversas maneiras e em sucessivas ondas. O teatro negro, calcado quase sempre nas experiências marcantes do Teatro Experimental do Negro de Abdias do Nascimento e do qual não se nega o pioneirismo e a qualidade, muitas vezes tem desprezado, por falta de informações consistentes, quais tecidos poderiam ser usados em cena e que representariam melhor uma africanidade não colonizada, contestando, por exemplo, o uso dos tecidos *wax print*, que desde o século XVIII são produzidos na Holanda. Para um quadro mais completo – e complexo – do traje da cena negra, foi necessário elaborar um percurso histórico que trouxesse à tona os tecidos que desde há muito tempo são parte da rica diversidade cultural africana. Um recorte temático é necessário, evidentemente, por conta da extensão territorial e a diversidade cultural do continente africano.

Para não maçar o leitor, tenho que explicar aqui qual foi o conteúdo da disciplina, porque foi dele que surgiram os artigos presentes neste volume que com tanta alegria trazemos à luz agora:

1. Tecidos e sua longa trajetória na história da humanidade – um breve painel panorâmico.
2. Alguns trajes (e espaços) pré-coloniais na África.
3. Alguns trajes (e espaços) coloniais na África – os choques religiosos.
4. Tecidos e trajes em Portugal dos séculos XVII ao XIX.
5. Trajes dos escravizados no Brasil e as contradições com a Companhia de Jesus.
6. Os negros da Bahia – da nudez à opulência.
7. Os negros do Rio de Janeiro do século XIX: artesãos e modistas.
8. Candomblé: ritos, preceitos, trajes e “cenografias” do rito.
9. Umbanda: ritos, preceitos, trajes e “cenografias” do rito.
10. Maracatu e Carnaval.
11. Reisados, congadas e jongos.

12. As sambadeiras: Dona Rita da Barquinha e Lya de Itamaracá.
13. A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.
14. Teatros pretos/ teatros temas afro-brasileiros: Cia. Lia Rodrigues; Teatro Experimental do Negro; Núcleo Afro-brasileiro de Teatro de Alagoinhas (NATA); Macacos; Os crespos.
15. Experiências pessoais.

Foi um grupo excepcionalmente dedicado e talentoso, muito envolvido com o tema no seu dia a dia, inclusive, o que tornou a experiência didática no/do curso uma das mais preciosas que tive na Universidade de São Paulo nos últimos 20 anos.

Foi por esta razão que propus ao grupo a elaboração de *Dos bastidores eu vejo o mundo*, edição especial *Teatros Pretos II*, que ficou com a configuração que descrevo a seguir.

Adriana Perrella Matos trabalhou a indumentária do jongo, legado da cultura dos povos de matriz linguística bantu, analisando sua trajetória das senzalas e terreiros do Vale do Paraíba no século XIX até os trajes dos atuais jongueiros. Flávia Felício e Gabriela Cherubini optaram por investigar o maracatu, ouvindo pessoas com habilidades e experiências diferentes. Sofia Candido apurou seu olhar e analisou a importância que os trajes têm no Reisado do Congo, importante herança cultural negra.

Em uma perspectiva autobiográfica, Dirce Thomaz traçou um roteiro dos trajes e da confecção deles ao longo da sua trajetória bem-sucedida nas artes cênicas. Quatro outros autores seguiram o mesmo viés pessoal, que, ao mesmo tempo que nos aproxima do tema e dificulta a análise do que se vivencia no plano pessoal, nos oferece toda a riqueza e singularidade de vivências muito significativas: Elinaldo Nascimento nos conta dos trajes de sua tia-avó, matriarca do terreiro Imbanzangolá, de culto Congo Angola, fundado em 1944; José Roberto narra sua entrada no Terreiro de Umbanda

Oxalufã-Abae e trata da indumentária feita para sua Oyá Igbalé; Luan Brasil discute e apresenta os trajes da Nação Ekiti-Efon, como utilizados hoje no Ilê Asé Ojuiná Soroke Efon, terreiro fundado em 16 de agosto de 2002, responsável por preservar a tradição Efon no Brasil. Maria Clara Souza Lima, uma das caçulas do grupo, traz uma relato impressionante e delicado que batizou de Roteiro autobiográfico no candomblé: resgate da ancestralidade por meio do traje, e que conta como eram os trajes quando seu pai ainda era vivo e babalorixá do terreiro em que foi iniciada em tenra idade.

Amanda Schmitz trouxe uma entrevista feita com Vanessa Rosa, do Terreiros do Riso, em que trabalha comicidades negras. Jéssica G. do Nascimento ouviu as mulheres / atrizes / seres encantados da Capulanas Cia. de Arte Negra, trazendo depoimentos fundamentais para o entendimento do teatro negro atual. Paula Martins nos brinda com duas entrevistas muito curiosas: uma com a já mítica Dona Rita da Barquinha, nascida em Bom Jesus dos Pobres, e outra com Júlio César, estilista que tem criado traje de cena para Lia de Itamaracá.

Vilma Leite fez uma entrevista com a ialorixá Cristina Ifatoki, que é arte-educadora e confecciona trajes, trabalhando com o significado de cada item colocado numa indumentária de candomblé. Nossa convidada especial para esta edição foi Edna Maria do Nascimento, que nos possibilitou acessar sua entrevista com Dona Laudith Almeida, costureira de trajes de cena que começou a trabalhar no Teatro Castro Alves em 1967 e concedeu a entrevista em 2021, prestes a completar... 92 anos!

Ana Luiza Fay preencheu o que seria uma lacuna lastimável se ela não tivesse feito: uma pesquisa sobre os trajes da Irmandade da Boa Morte, de Cachoeira, na Bahia. Júlia Barbosa escreveu sobre os trajes de três espetáculos do Núcleo Afrobrasileiro de Teatro de Alagoinhas: *Siré Oba*: A festa do rei; *Exu*: A boca do Universo e *Oxum*.

Para terminar com chave de ouro esta edição, quatro ensaios fotográficos espetaculares: um dossiê com imagens de folguedos ligados às raízes negras, elaborado por Gabriela Fernandes Gomes; um dossiê especial com imagens do

Ilê Asé Ojuinã Soroke Efon, com fotos do Luan Brasil e de Alinny Nunes; um dossiê com imagens dos Trajes de Orixás expostos no Museu Afro Brasil Emanuel Araújo e – muito especial para nós – um dossiê com imagens da Dirce Thomaz, a quem e com quem, com tanta vida, celebramos!

Agradeço pela imensa colaboração na  
organização deste volume a:  
Maria Eduarda Borges e  
Adriana Perrella Matos, a Adriana Banana.